

## **AS RELAÇÕES CULTURAIS BRASIL-GUYANA<sup>1</sup>: O CENTRO CULTURAL BRASILEIRO EM GEORGETOWN**

### *Introdução*

O presente artigo trata-se do tema de Iniciação Científica<sup>1</sup> e monografia<sup>2</sup> que se encontra em fase de desenvolvimento. O objetivo da pesquisa é compreender o papel do Centro Cultural Brasileiro em Georgetown na República Cooperativista da Guyana, estabelecendo uma análise do intercâmbio cultural entre os dois países. Por meio de levantamentos bibliográficos, entrevistas e análise de dados, buscar-se-á explicar como a promoção, divulgação e ensino (por meio da língua portuguesa) da cultura brasileira é operada no respectivo Centro.

Este esforço intelectual tentará trazer para o meio acadêmico discussões acerca da interação cultural Brasil-Guyana e explicar o fenômeno da interculturalidade entre os dois países utilizando o CCB de Georgetown como objeto de estudo. Por fazer parte da região de fronteira, torna-se pertinente a pesquisas sobre a relação cultural o vizinho anglófono por parte dos acadêmicos da Universidade Federal de Roraima.

A República Cooperativista da Guyana é o único país que possui a língua inglesa como idioma oficial na América da Sul e faz fronteira com Brasil, no entanto, pouco se discute a interação entre as duas nações, que possuem características bem distintas.

---

1 Programa de Iniciação Científica- 2012 promovido pela Pro-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRR, categoria “B”, orientado pela Professora Msc. Julia Faria Camargo.

2 Trabalho de Conclusão de Curso com defesa prevista para fevereiro de 2013, com orientação de Professora Msc. Julia Faria Camargo.

1 Adotamos nesta pesquisa a grafia Guyana em detrimento a Guiana, pois, para os guyanenses “Guiana é uma grafia que identifica a ex-colônia Britânica. Eles dizem que não são mais ‘Bristsh Guiana’ desde 1966, quando aconteceu a independência daquele país” (OLIVEIRA, 2010, p.7).

\* Acadêmico do 8º semestre de Relações Internacionais na UFRR.

Quando se estuda a região fronteira, deve-se atentar para fato de que esta é uma região com múltiplas diferenciações. Neste sentido, observa-se que esta deve ser estudada de modo diferenciado do contexto doméstico e também internacional, por se tratar de uma área de constante transição e troca de costumes, experiências, produtos, etc.

Deste modo, a teoria das Relações Internacionais utilizada como marco teórico será o Construtivismo, por possuir uma sensibilidade com as questões sociais, ao afirmar que o mundo é socialmente construído, porém, a principal contribuição desta teoria para o trabalho é sua conceituação da identidade, e sua relação com o interesse nacional, formando diferentes povos com diferentes visões de mundo.

Neste sentido, traz-se o conceito antropológico de cultura para que assim se possa abordar a relação entre os seres humanos de melhor modo. Com isso, busca-se uma correlação entre estas duas áreas das Ciências Humanas para melhor explicar o fenômeno da Interculturalidade.

Será abordada a Diplomacia Cultural, como conceito e como esforço estatal de promoção da cultura brasileira internacionalmente. Será discutido também, sobre a atuação dos Centros Culturais Brasileiros, com suas definições e áreas de atuação.

O histórico da aproximação entre Brasil e Guyana é abordado pormenorizadamente, para que se entenda como ocorrem as relações culturais entre ambos. Com estes conceitos definidos, as relações Brasil-Guyana serão explanadas, de modo sucinto, em campos estratégicos, como meandro para compreender as afinidades culturais.

### *O conceito antropológico de cultura, a perspectiva construtivista na formação identitária e a Diplomacia Cultural*

Para se compreender a natureza da cultura, é necessário recorrer aos conceitos antropológicos. O autor Roque de Barros Laraia, faz a síntese desta temática, ao mostrar que os homens preferem suas culturas em relação à outras, pois estão convencidos que seus costumes são melhores que o dos outros. Cita autores como Heródoto (484 – 424 a.C) e Montaigne (1533 – 1572) que buscaram entender o comportamento singular de diferentes povos.

A partir dessa afirmação o autor empenha em conceituar, antropologicamente o conceito de cultura, faz uma abordagem histórica, demonstra a origem do termo cultura, com junção sintetizada de *kultur*, palavra de origem germânica com *civilization* de origem francesa, feita por Edward Tylor (1832 – 1917) no final do século XVIII, no entanto já era bordado por Jhon Locke (1632 – 1704), Jacque Turgot (1727 –

1781) e Jean-Jacque Rousseau (1712 – 1778), todos abordavam o papel da educação na formação cultural do homem.

Laraia atenta-se em discutir como opera a Cultura, mostra que herança cultural dos indivíduos acabou por nos fazer intolerantes em relação às pessoas que não seguem os padrões aceitos por elas mesmas, conseqüentemente, em suas famílias e no meio social como um todo. Prova-se assim, que o modo de ver o mundo é valorativo, ou seja, de acordo com as concepções de certo e errado de cada um, acredita-se que a sociedade vive o dilema dicotômico do “ nós e outro”.

No que consta o Construtivismo, advindo das Ciências Sociais, este surge nas Relações Internacionais tardiamente, em um momento no qual sua agenda estudo englobava novos temas que não poderiam ser estudados somente pelo viés das teorias “tradicionais”. Neste sentido, evidencia-se o dilema entre o agente e a estrutura, para saber qual influenciava primordialmente o outro, assim a perspectiva construtivista revela um debate, não mais metodológico como outros que ocorreram anteriormente, mas na verdade ontológico (MESSARI e NOGUEIRA, 2006).

Os acontecimentos sociais adquiriam cada vez mais relevância nos estudos das relações internacionais, na medida em que as questões étnicas foram responsáveis por fatos como a Guerra da Bósnia e o genocídio de Ruanda, no Pós-Guerra Fria. A abordagem construtivista trouxe à tona vários temas, mas cabe citar neste artigo, a identidade.

Um dos principais difusores dos estudos de identidade nas RI foi Alexander Wendt. Para o teórico, esta é formadora do interesse nacional, “Identities are the base of interests [...]” (1992, p.398), pois acredita que o mundo é socialmente construído. Deste modo, observa-se que Wendt acredita na identidade como um pressuposto à formação dos Estados, assim os interesses nacionais tornam-se difusos, não somente na manutenção do *status quo* e no aumento de poder como acreditam os realistas. Surge, desta forma, a necessidade de se abordar a questão estatal em nível doméstico, ou seja, endogenamente.

A identidade pessoal e afirmação social não dependem estrutura formalizada estatal, em princípio, o Estado fora se desenvolvendo ao longo do tempo, mas emoldurado pela organização de sociedades (MARTINS, 2005). Para o professor Estevão Martins, “A construção (ou, para alguns, desvelamento) da identidade constitui-se em um passo essencial da legitimidade do ser histórico das coletividades”. (2005, p.31).

Ao considerar o papel do Estado nas relações culturais, adentra-se no papel da Diplomacia Cultural, como esforço de estabelecer relações diplomáticas entre

as Nações por meio do ator cultura. Segundo o cientista político e autor Dr. Milto C. a Diplomacia Cultural consiste em ser “O intercâmbio de idéias, valores, sistemas, tradições, crenças, e outros aspectos da cultura, com a intenção de promover a compreensão mútua.” (Disponível em: [http://www.culturaldiplomacy.org/index.php?en\\_culturaldiplomacy](http://www.culturaldiplomacy.org/index.php?en_culturaldiplomacy). Acesso em 14 de abril de 2012)

Apesar das interações culturais de cunho diplomático ocorrerem há muitos séculos, a Diplomacia Cultural só foi reconhecida recentemente. Porém, a mesma tem se revelado como importante mecanismo de manutenção da paz, por elevar a interação sociocultural entre as nações.

Neste sentido, ao se constatar o nível de interdependência do Sistema Internacional, observa-se o importante papel da diplomacia cultural como promotora da paz e da estabilidade na conjuntura globalizada mundial. No que consta o prisma do ensino, a Diplomacia Cultural, possui como objetivo primordial influenciar a Opinião Pública Global e a ideologia individual e coletiva.

A Diplomacia Cultural, como área do conhecimento acadêmico, está fundada em cinco princípios:

1. Respeito e Reconhecimento da Diversidade Cultural e Patrimônios;
2. Diálogo Intercultural Global;
3. Justiça, Igualdade e Interdependência;
4. A Proteção dos Direitos Humanos Internacionais;
5. Paz e Estabilidade Global.

Neste sentido, abordar-se-á os Centros Culturais Brasileiros (CCBs ) como uma iniciativa Governamental, promovida pelo Ministério das Relações Exteriores, como forma de promover, divulgar e, nos casos de países que já contam com um alto número de brasileiros, manter as raízes da cultura brasileira pelo mundo. Como instituições diretamente subordinadas ao Chefe da Missão Diplomática ou repartição consular do Brasil em cada país, constituem o principal instrumento de execução da nossa política cultural no exterior.

A princípio instituídos como Centros de Estudos Brasileiros, a Rede Brasileira de Ensino no Exterior (RBEx), gerenciada pela Divisão de Promoção da Língua Portuguesa (DPLP) do Ministério das Relações Exteriores, focalizavam tradicionalmente suas atividades apenas no ensino da Língua Portuguesa. Entretanto, ao longo dos últimos anos, essas atividades têm-se intensificado e expandido, passando a abarcar, além da divulgação da cultura brasileira nas suas diversas manifestações, a

divulgação de manifestações artísticas e culturais locais, transformando-se em genuínos centros culturais.

A denominação “centro de estudos” deixou de alcançar conceitualmente a ampla esfera de atuação dessas unidades. Justifica-se, deste modo, fazer refletir em sua denominação essa nova realidade: “Centro Cultural Brasil-(nome do país onde o centro está localizado)”. Os Centros Culturais Brasileiros (CCBs) têm o objetivo de difundir o idioma português falado no Brasil e de promover a cultura brasileira no exterior. Eles desenvolvem, nesse sentido, o ensino sistemático da língua portuguesa falada no Brasil, a difusão da literatura e da cultura brasileiras, a organização de exposições de artes visuais, espetáculos teatrais e participação em feiras de livros, a distribuição de material informativo sobre o Brasil, a difusão da música erudita e popular brasileira, a divulgação cinematográfica brasileira, a organização de palestras e seminários sobre temas relacionados à civilização e à atualidade brasileira e a promoção de outras formas da cultura do Brasil.

Os Institutos Culturais são entidades sem fins lucrativos de direito privado e, embora autônomas, cumprem missão cultural em coordenação com as Missões diplomáticas e consulares da jurisdição em que estão sediadas. No momento, existem 21 (vinte e uma) unidades, assim distribuídas: 12 (doze) no continente americano, 3 (três) no continente europeu e 6 (seis) no continente africano.

### *A Tríplice Fronteira: Brasil-Guyana-Venezuela*

Localizada ao norte do estado de Roraima, no centro da Amazônia Caribenha<sup>3</sup>, a tríplice fronteira: Brasil-Guyana-Venezuela, é pouco estudada no contexto nacional. Por muito tempo, a região foi considerada uma “ilha”. Segundo Bertha Becker (2007), esta ideia é obsoleta, pois, através da conectividade tecnológica atual. No entanto, constata-se que esta integração não deve ser entendida como uma nova versão

---

3 “Amazônia Caribenha todo o território da Ilha das Guianas que compreende o litoral Atlântico Norte entre o delta do rio Orinoco (Venezuela) e do rio Amazonas, pela margem esquerda do rio Amazonas e do rio Negro, pelo Canal de Cassiquiare (Brasil/ Venezuela) e a margem direita do rio Orinoco. Faz-se necessário reinterpretar o processo histórico-cultural da Amazônia Caribenha, observando o Tratado de Tordesilhas como primeiro documento na literatura histórica que celebrou o acordo entre os reinos Ibéricos (Espanha e Portugal) na delimitação das fronteiras no Novo Mundo. Com o processo de colonização européia, o Novo Mundo foi denominado de América, cuja fronteira foi reorganizada em três grandes regiões: Norte, Central e Sul. Amazônia Caribenha é um território ao Norte da América do Sul e que no processo de colonização foi dividido entre cinco países amazônicos: Brasil, Venezuela, Guyana, Suriname e Guiana Francesa” (OLIVEIRA,2011)

da “marcha para oeste” ocorrida no “Estado Novo” de Getúlio Vargas, que buscou levar os modelos desenvolvimentista do centro-sul para a Amazônia.

Este meio de integração e desenvolvimento já fora defendido como a melhor alternativa, no entanto, observa-se que desenvolvimento amazônico ocorre internamente. Becker salienta o processo de integração regional (internacional) nas fronteiras amazônicas ao denominar as cidades da região transfronteiriça de “cidades gêmeas”. Estas “cidades vizinhas localizadas em cada lado fronteiro, é importante indicador das redes de relações” (p. 58).

A Tríplice fronteira localizada em Roraima é composta pela fronteira ao Norte e a Noroeste com Venezuela e a Leste e Nordeste com a Guayana. Assim, no contexto roraimense estas cidades gêmeas (BECKER, 2007, p. 59) são Bonfim no Brasil e Lethem na Guayana, Pacaraima (BV8) no Brasil e Santa Helena de Uairén na Venezuela.

Desta forma, para estudar a questão cultural amazônica deve-se levar em consideração que o extremo norte brasileiro é contemplado por uma enorme miscigenação. Uma parcela no surgimento dos caboclos pode ser considerada como uma herança da colonização portuguesa na Amazônia, entretanto, esta não ocorreu por meio de um processo natural, pois houveram fins políticos neste processo (RIBEIRO, 1995).

Assim, Darcy Ribeiro quando disserta sobre “O Brasil Caboclo” em sua obra “O Povo Brasileiro”, explicita como se deu o aprimoramento da interação entre dois povos totalmente distintos, os indígenas e os europeus (no caso brasileiro, maioria era portuguesa) contribuindo para riqueza cultural no Brasil, mas se leva em consideração que isto ocorreu, também, em toda região amazônica (a internacional):

Desse modo, ao lado da vida tribal que fenecia em todo o vale, alçava-se uma sociedade nova de mestiços que constituiria uma variante cultural diferenciada da sociedade brasileira: a dos caboclos da Amazônia. Seu modo de vida, essencialmente indígena enquanto adaptação ecológico-cultural, contrastava flagrantemente, no plano social, com o estilo de vida tribal. Em suas comunidades originais, voltadas exclusivamente para o preenchimento das suas condições de existência, os índios haviam conseguido, com as mesmas técnicas, uma grande fartura alimentar e a manutenção de sua autonomia cultural. (1995, p. 314)

A região Pan-Amazônica<sup>4</sup> tem em sua composição uma diversidade cultural que mesclou tanto nativos como colonizadores, além da enorme variedade linguística, que vai das línguas indígenas até idiomas como português, o inglês, o holandês, o

---

4 Pan-Amazônia, entende-se de um modo mais abrangente, ou seja, busca a inserção amazônica em seu contexto supranacional, no sentido em que é composta por nove países: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela. Vale ressaltar que Meira Mattos não considera “as três Guianas”, como partícipes da conjuntura pan-amazônica (MATTOS, p. 23, 1980).

francês e o espanhol, todavia, este fato é pouco considerado pelos estudos do mainstream das Relações Internacionais no Brasil.

No que diz respeito à Tríplice Fronteira do Extremo Norte brasileiro: Brasil-Guayana-Venezuela, esta encontra-se praticamente obsoleta nos discursos de RI do Brasil. Apesar dos recentes estudos sobre a Venezuela (principalmente nas áreas securitária e energética), assuntos no âmbito cultural e social na região transfronteiriça do extremo norte continuam incipientes, e há muitos objetos de estudo. Deste modo, Julia Camargo demonstra em seu artigo “Diplomacia Cultural: Uma Alternativa para Integração na Tríplice Fronteira Brasil-Venezuela-Guayna” o quão rico é campo de estudos culturais em RI na Tríplice Fronteira:

A tríplice fronteira é uma região cosmopolita no sentido que permite a convivência com inúmeras culturas e tradições que se construíram no decorrer da história. É como as grandes cidades do mundo, com a diferença de situar-se marginalizada na sociedade internacional, atualmente, também enfrenta desafios sobre como lidar com essa multiculturalidade. (2011, p.3)

Deve-se, portanto, observar o caráter diferenciado uma identidade de fronteira, esta não pode ser simplesmente enquadrada como uma simples junção de identidades nacionais, visto que as identidades se diluem nas regiões transfronteiriças, juntamente com identidades étnicas e nacionais (GRIMSON,2000 apud BOTÍIA, 2008).

#### *A interculturalidade na região de fronteira*

Primeiramente, se faz necessário compreender que existe diferença entre interculturalidade e transculturalidade (JUNIOR, 2004 apud ANDRADE,2004), porém, neste artigo será abordado somente o processo intercultural. Este é gerado por duas ou mais redes de conversação, que geram outras redes de cultura em diversos domínios, como a religião, a arte, a moda, etc.

O professor Luiz Antonio Botelho Andrade, em seu artigo “Cultura e Interculturalidade: Comentários de uma longa conversa”, tenta explicar como se dá o complexo entrelaçamento de redes sociais na atual conjuntura mundial globalizada. Com isso explicita que, quando uma identidade torna alguma característica cultural de determinada região, como o exemplo da culinária francesa, utilizado pelo autor para mostrar que quando esta transcende local de origem acontece um fenômeno de reafirmação identitária. “Não é por acaso que maior resistência contra a globalização dos mercados se deu nas pequenas cidades e sob a liderança de agricultores e/ou produtores rurais” (2004, p.90.).

Neste contexto, observa-se que, segundo o autor citado acima, o entrelaçamento das redes sociais e culturais, além de revelar um processo de afirmação de identidade, demonstra haver certo tipo de negociação, no sentido em que mesmo que uma cultura se aproprie de certos costumes de outra, ela sempre sofrerá modificações, cita-se o caso do ritmo musical *funk* que é de origem norte-americana, mas ao alcançar os morros do Rio de Janeiro foi adaptado tornando-se o famoso *funk carioca*.

Ao se estudar relações internacionais, no entanto, deve-se estar ciente da atuação quase primordial do Estado. Este delimita fronteiras por meio de um processo de territorialização que não considera a característica transnacional da identidade, porém é fundamental importância para compreensão da mesma, Neste sentido o professor Jorge Luiz Barbosa afirma em seu artigo *Considerações sobre a realização entre cultura território e identidade*:

O território guarda os elementos mais recônditos e, ao mesmo tempo, contribui para exteriorizar os significados de dada cultura. No território estão presentes as cristalizações de símbolos, memórias e valores que encarnam o sentido primordial da cultura. Porém, ele mesmo não pode ser interpretado como uma demarcação rígida e intransponível. O território também representa uma fronteira de comunicação de culturas, reclamando a presença do *Outro* como possibilidade de realização renovada da experiência social (2004, p.100).

Desta forma, Barbosa compreende que as identidades na se fazem por si mesmas, os seus processos de afirmações se dão por interseção e mobilização das trocas em uma dimensão territorial (2004, p.103).

Neste sentido, acredita-se que a fronteira é por si mesma, produto da interação de atores, agente e instituições nacionais (BOTÍA, 2008, p.49). Para o professor colombiano Carlos Gilberto Botía, os estudos sociológicos não abordam devidamente os desenvolvimentos de sociedades e sistemas sociais modernos. Este processo leva ao que autor chama de *sociedades de frontera*, estas divergem das sociedades modernas, ou seja, aquelas que na concepção de Anthony Giddens teriam alto grau de “sistemicidade” (GIDDENS, 1995, p. 28 apud BOTÍA, 2008 p.52).

Botía acredita que a identidade de fronteira é formada pela interação entre duas ou mais sociedades nacionais. Defende que, além das identidades nacional e étnica, existe uma identidade adicional, com caráter transnacional (2008, p.64). Portanto, com esta afirmação torna-se evidente que os povos da região amazônica da Tríplice Fronteira: Brasil – Guiana –Venezuela, que possuem características institucionalizadas, como a língua e a religião, estas se misturam com os costumes étnicos ancestrais e faz com que povos que antes eram uma só tribo, no sentido literal da palavra, se diferenciem por estarem em outras dimensões territoriais divididas por linhas



imaginárias, porém, ao mesmo tempo se correlacionem para formar esta complexa relação chamada: Interculturalidade. No entanto, nem sempre ocorre o processo intercultural, pois a ideia do “eu” e o “outro” começa na primeira esfera de Waltz, ou seja os próprios cidadãos.

Este fenômeno, já pode ser observado no Estado de Roraima, haja vista sua localização limítrofe brasileira com a Guyana e Venezuela. Há eventos de interação cultural e já pode se observar guyanenses e venezuelanos morando em Boa Vista, a recíproca também ocorre, algo que se apresenta de uma maneira tão cotidiana, que acaba por tornar-se natural.

Estes ocorrem, portanto, com vizinho brasileiro que possui o inglês como língua oficial: a República Cooperativista da Guyana, como as atividades desenvolvidas pelo CCB de Georgetown contribuem com isto, torna-se uma das principais indagações para pesquisa, se há interculturalidade desenvolvida por meio do esforço estatal, algo pode ser dado como certo, o estado de Roraima torna-se o mais sensível às estas questões.

#### *A Construção do elo cultural com a Guyana e o CCBG*

A República Cooperativista da Guyana é concebida, por meio de seu processo colonizador e de povoamento, principalmente, de povos indígenas, holandeses, franceses, ingleses, africanos, portugueses, indianos e chineses. Recentemente, já no século XXI, pode-se constatar a forte presença de brasileiros que de certo modo já exercem sua considerável parcela de contribuição para a mistura cultural guyananense.

Para que se entenda a relação cultural entre Brasil e Guyana é necessário primeiramente compreender os caminhos históricos deste último. Apesar da unidade geográfica sul-americana, a área conhecida como litoral das guianas não teve uma colonização ibérica. Como reflexo disto, o inglês, herança de um dos seus colonizadores, tornou-se a língua oficial do país e a fase transitória de colônia para nação independente ocorreu bem tardiamente em relação a maioria seus vizinhos sul-americanos.

A Guyana é considerada a Terra dos Seis Povos, mas isso não significa que os mesmo vivassem, ou vivam em harmonia. Os nativos ameríndios, a colonização europeia, a vinda da mão-de-obra africana, negra e escrava, a chegada dos *indentured laboures* portugueses/madeirenses, indianos e chineses, esse povos são os principais contribuintes da formação cultural guyanense. A herança e carga histórica carregado por essa população de uma enorme diversidade cultural, que acarretara ao longo desse período lutas.

Após a conquista do status de Nação Independente em 1966, a República Cooperativista da Guayana despertou o interesse brasileiro em estabelecer relações bilaterais. Esta aproximação ultrapassou meandros tidos como estratégicos. Desta forma, incidem visitas para que ocorram convênios de cooperação técnica, nas áreas comerciais, políticas e comerciais é o gênese das relações diplomática entre os dois países. É aprovado em 1969, o Convênio Cultural Brasil-Guayana assinado em 28 de agosto de 1968.

A presença da cultura brasileira na Guayana fora institucionalizada com inauguração do Centro de Estudos Brasileiros, em 1974, (atual Centro Cultural Brasileiro) em Georgetown.

Buscou-se posteriormente a aproximação. Neste contexto, ocorre em 1982 a visita do Presidente Burnham ao Brasil, como um marco para estreitar as relações bilaterais entre os Governos Guayanense e Brasileiro. Na visita foram tratadas questões nos planos político, econômico, social, securitário e cultural. Ressalta-se nesse último o acordos de cooperação técnica e educacional. “Reafirmaram sua convicção de que tais programas podem contribuir para o fortalecimento dos laços culturais entre os dois povos. Elogiaram os esforços realizados pelo Centro de Estudos Brasileiros de Georgetown nesse sentido”.

A década de 1980 fora marcante para a conjuntura da América Latina como todo, como expõe Amado Cervo e Clodoaldo Bueno (2008), acontecimentos como a Crise da dívida externa, a Guerra das Malvinas, a esterilização do diálogo Norte-Sul, a intervenção norte-americana na América Central e no Caribe contribuíram para uma aproximação dos países latino-americanos. Mas é, especificamente no ano de 1985 ocorrem acontecimentos de fundamental importância política, tanto para o Brasil, quanto para Guayana, no qual suas histórias se coincidem nos fatos.

O processo de “abertura lenta, gradual e segura” iniciada por Geisel findava na eleição de Tancredo Neves em 1984, que assumiria o cargo de primeiro Presidente civil em mais de vinte anos. No entanto este falecera no dia de sua posse em 15 de março de 1985, em 21 de abril do mesmo ano, o vice José Sarney assume o posto de Presidente do Brasil.

Na Guayana, após governar o país por mais de 20 anos, morria inesperadamente Forbes Burnham, assumindo em seu lugar Desmond Hoyte, que abandonou o “Socialismo Cooperativo” de seu antecessor em detrimento a uma política pelo mercado. Neste sentido, buscou aproximação, principalmente na década 1990, com os EUA, Canadá, Inglaterra e com a Comunidade do Caribe (CARICOM).

No que consta o âmbito social, paralela aos tratados e acordos ocorria imigração

brasileira para Guyana, mas uma atividade merece destaque para este acontecimento: o garimpo. Segundo David Cleury (1990) em 1979, ocorreu uma repentina e sem precedente supervalorização do ouro, houve um aumento na Botas de Metais de Londres o que impulsionou uma corrida de ouro na Amazônia, que afetou não somente o Brasil, mas outros países amazônicos, entre eles a Guyana.

Sabe-se o que as zonas de garimpo estes se tornam um problema justamente porque a maioria deles segue às margens da lei. Infelizmente, no Brasil, muitos garimpos quase sempre estão associados a confrontos, assassinatos, roubos, disputas de terra, prostituição, vícios, insegurança, impunidade, patrocínio de armas e narcotráfico e à degradação ambiental (PEIXOTO, 2005) (Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/11/11.shtml> Acesso em 26 de nov. de 2012).

Atualmente, o Centro Cultural Brasil-Guiana (CCBG), localizado ao lado da Embaixada do Brasil, conta com serviços de divulgação e promoção da cultura brasileira para população de Georgetown. O ensino da língua portuguesa é o serviço oferecido pelo CCBG que possui maior demanda, não somente de guyanenses, mas também de estrangeiros que moram Georgetown, há um ciclo de filmes brasileiros e a tradicional Festa Junina é sucesso de público.

### *Considerações Finais*

Como citado na introdução, a pesquisa encontra-se em fase de desenvolvimento, portanto os resultados neste artigo, são parciais.

Já se pode observar, que as relações culturais entre Brasil-Guyana se mostram promissoras, algo que se observa ao longo da pesquisa, é que há afinidade da população guyanense, principalmente, para com a cultura brasileira, entretanto, no que convém aos brasileiros, são muitas vezes vistos como o estrangeiro que chegaram para apropriar-se do comércio, aumentando seu capital por meio da mão-de-obra e dos clientes nativos.

O idioma, a colonização britânica, a proximidade geográfica, o contencioso com a vizinha Venezuela, podem ser considerados uns dos fatores determinantes para que a cultura guyanense seja mais caribenha do que latina. Percebeu-se, em algumas pesquisas e algumas entrevistas com nativos e brasileiros que vivem em Georgetown, que o Brasil é visto como “Colosso Sul-Americano” e que poderá sufocar a Guyana, por outro lado, os Estados Unidos são enxergados como o “Big Brother”.

Assim o Centro Cultural Brasil-Guiana é um meio de estreitar as relações entre Brasil e Guyana, sabendo que a cultura é modo efetivo e pacífico de aproximar os dois países, todavia, são os imigrantes brasileiros que desempenham o principal pa-

pel como difusores da cultura nacional, pois são eles levam um pouco do Brasil por meio da culinária, da música, dança dentre outras manifestações culturais, somam mais uma cultura a esse efervescente caldeirão cultural chamado Guyana.

### *Referências Bibliográficas*

ANDRADE, Luiz Antonio Botelho. *Cultura e Interculturalidade: Comentários de uma longa conversa*, Livro: *Interculturalidades/* Leonardo Guelmam e Vanessa Roccha (org.).83-90. Niterói: EdUFF, 2004;

BARBOSA, Jorge Luiz. *Considerações sobre a relação entre cultura, território e identidade*, Livro: *Interculturalidades/* Leonardo Guelmam e Vanessa Roccha (org.). 100-104 Niterói: EdUFF, 2004;

BECKER, Bertha K. *Amazônia: Geopolítica na virada do III Milênio*. Rio de Janeiro, Garamond. 2007

BOTÍA, Carlos Gilberto Zárate. *Silvícolas, Siringueros y Agentes Estatales: El surgimento de una sociedad tranfronteriza em la Amazonia de Brasil, Perú y Colombia*, Leticia: Universidad Nacional de Colombia. Instituto Amazónico de Investigaciones (IMANI), 2008;

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 23.ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2009;

MATTOS, Meira, *Uma Geopolítica Pan-Amazônica*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1980.

MARTINS, Estevão de Rezende. *Cultura e Poder*. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2007;

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. *Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 6ª reimpressão.

PUC-Rio, Certificação Digital nº 0210270/CA.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. *A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima*. São Paulo, 2003. Tese de doutorado/USP;

RIBEIRO, Darcy, *O Povo Brasileiro*. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

WENDT, Alexander. *Anarchy is What States Make of It: The Social Constriction of Power Politics*. *International Organization* 46: 391-425, 1992.

### *Páginas eletrônicas:*

<http://www.dc.mre.gov.br/outras-noticias/conheca-o-departamento-cultural>. Acesso em 03 de dez. de 2011.

[http://www.culturaldiplomacy.org/index.php?en\\_culturaldiplomacy](http://www.culturaldiplomacy.org/index.php?en_culturaldiplomacy). Acesso em 14 de abril de 2012

<http://www.guyana.org/>. Acesso em 27 de set. de 2012.

<http://dai-mre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais>. Acesso em 09 de nov. de 2012.

<http://www.comciencia.br/reportagens/2005/11/11.shtml>. Acesso em 26 de nov. de 2012.